



Evento: XXX Seminário de Iniciação Científica

ENCONTRO DA PSICANÁLISE COM A EDUCAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A PRÁXIS EDUCATIVA ¹

**A MEETING OF PSYCHOANALYSIS WITH EDUCATION AND ITS IMPLICATIONS FOR
EDUCATIONAL PRAXIS**

Tiago Viégas Zamberlan ², Vânia Lisa Fischer Cossetin ³

¹ Projeto de pesquisa elaborado na UNIJUÍ, através do projeto de Iniciação Científica financiado pela FAPERGS

² Acadêmico do curso de Psicologia da UNIJUÍ, bolsista de Iniciação Científica do sub-projeto “Da interface entre psicanálise e educação: considerações a partir do pensamento freudiano” financiado pela FAPERGS.

³ Doutora e Mestre em Filosofia pela PUCRS, graduada em Filosofia e Artes pela UNIJUÍ, acadêmica do curso de Psicologia da UNIJUÍ, coordenadora dos projetos "Educabilidade, moralidade e justificação: perspectivas éticas para a formação humana" e do sub-projeto “Da interface entre psicanálise e educação: considerações a partir do pensamento freudiano”.

INTRODUÇÃO

O encontro entre psicanálise e educação tem sido controverso e paradoxal desde o seu início. Inicialmente, Freud e alguns educadores da época chegaram a imaginar que a pedagogia, psicanaliticamente orientada, poderia contribuir para uma educação menos repressiva e, assim, menos suscetível à produção de angústias e neuroses (KUPFER, 1989).

Ao longo de sua obra, porém, Freud abandonou essa ideia, ao perceber que as angústias são na verdade inevitáveis e que uma educação que não fosse suficientemente repressora poderia vir a ser formadora de delinquentes, ao mesmo tempo em que não impediria a formação de neuroses. Assim, para Maria Cristina Kupfer (1989), mesmo sem grandes contribuições diretas, Freud pode ser considerado um grande mestre da educação, por ter aberto caminhos fundamentais para que se ampliassem as compreensões acerca do educar, a exemplo da relação transferencial. A partir de sua consideração e análise, ou a ser possível compreender melhor o que está em jogo na relação ensino-aprendizagem, especialmente naquilo que constituiria sujeitos desejosos de saber, capazes de aprender e de ensinar.

METODOLOGIA

A pesquisa tem sido elaborada com base em revisão bibliográfica, com análise crítico-hermenêutica, utilizando como material de apoio textos do campo filosófico e



psicanalítico, tanto indicados pelo Projeto de Pesquisa como materiais relativos aos conteúdos estudados ao longo da graduação de Psicologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Voltolini (2002), o que alinha a prática da educação com a da psicanálise é a sua relação com o impossível, lembrando que Freud (1925-2011) afirmou a existência de três ofícios impossíveis: educar, curar e governar, mesmo já estando suficientemente tomado pela segunda dessas tarefas. Porém, a forma como cada um desses ofícios se relaciona com esse impossível difere, pois enquanto o educador busca sustentar a imagem de um ideal de humano, através do discurso pedagógico, o psicanalista tenta fazer com que essa imagem possa sucumbir, tornando o paciente responsável pela sua própria neurose (VOLTOLINI, 2002). Conforme o autor, o que interessa à psicanálise transmitir para os educadores seria, então, uma relação produtiva com esse impossível e não como algo irrealizável, a ponto de levar o educador a desacreditar de seu fazer. Muito pelo contrário, para Freud (1930-2010), a educação é condição para a introdução dos humanos no mundo da cultura e para a manutenção do processo civilizatório.

Freud (1925-2011) alega que o trabalho da educação é singular e não pode ser substituído ou confundido com o trabalho da psicanálise. Enquanto o trabalho da psicanálise equivale à uma reeducação do adulto neurótico, o trabalho que a educação faz estaria mais para a criação de condições favoráveis para a estruturação psíquica da criança, necessária para um ulterior trabalho de análise. Como a criança ainda está em estruturação, Freud (1925-2011) indica a necessidade de que o analista faça outra coisa, que não análise propriamente dita, mas que venha a ser equivalente a esta.

Kupfer (1989) aponta que, para Freud, o papel fundamental da educação seria o de promover a sublimação das pulsões sexuais infantis, que, devido ao recalque, exigem o seu direcionamento para uma outra atividade que não esteja relacionada à sexualidade em si. Conforme a autora, na teoria freudiana, há um momento decisivo na vida de todo ser humano. É quando a criança descobre a diferenciação sexual anatômica e passa a observar o mundo como dividido entre mulheres e homens ou, mais especificamente, entre aqueles que possuem e não possuem pênis.



A constatação dessa diferença é, para a criança, causadora de muita angústia, pois implica em uma relação de presença e ausência, conseqüentemente, no medo de perder o que se tem ou de tê-lo perdido por algum motivo até então desconhecido. Freud denominou esta experiência infantil de *angústia de castração*. Para Kupfer (1989), é justamente essa angústia que possibilita à criança o desejo de saber, sendo ela a mola propulsora necessária para o aprender. A autora também aponta que é por isso que, nesta fase, a criança faz tantas perguntas. Trata-se, segundo a denominação freudiana, das *investigações sexuais infantis*. Tais investigações são sexuais, porém não claramente sexuais, justamente porque uma abordagem direta delas seria causadora de muita angústia, sendo assim, a criança direciona a sua curiosidade e o seu desejo de saber para outros objetos, que não sejam de natureza sexual.

Dessa forma, o que move o sujeito em direção ao aprender e, em última instância, ao desejo de aprender, teria sua origem em pulsões sexuais reprimidas, manifestas na forma de pulsões de saber. Lembrando sempre que o ato de aprender pressupõe uma relação com outra pessoa, ou seja, com aquela que ensina (KUPFER, 1989). Mais uma vez é a relação transferencial que está em jogo e que permeia não apenas a relação entre professor e aluno, mas todas as relações humanas. Em seu texto *Análise fragmentária de uma histeria*, Freud (1901-2016) define as transferências como

Novas edições, reproduções dos impulsos e fantasias que são despertados e tornados conscientes à medida que a análise avança, com a substituição - característica da espécie - de uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Colocando de outra forma: toda uma série de vivências psíquicas anteriores é reativada, mas não como algo passado, e sim na relação atual com o médico.(p. 312)

Nesse sentido, o professor se torna então a figura a quem o aluno endereça os seus interesses, transferindo para ele as experiências vividas anteriormente na relação com seus pais. Sendo assim, é o investimento da criança na imagem desse professor, colocado por ela num lugar ideal, a saber, no lugar de *sujeito suposto saber*, que Lacan (1964-1985) afirma ser imprescindível para que se estabeleça a transferência. Conforme Freud (1914-2010), para a criança pequena, a imagem da figura paterna é a da figura mais sábia de todas, próxima à figura divina. Porém, ao longo do seu desenvolvimento, passando pelos conflitos edípicos, esta imagem vem a se modificar, revelando um outro lado desse relacionamento afetivo: este mesmo pai outrora adorado tem o poder de perturbar a vida pulsional da criança, passando a ser, assim, não apenas uma figura a qual a criança quer imitar, mas também liquidar, a fim de tomar o seu lugar. Ainda segundo Freud (1914-1910), em um segundo momento, a criança



passa a lançar um olhar para além da relação familiar, desprendendo-se desse primeiro ideal e passando a perceber que o pai não é o homem mais poderoso e sábio de todos. A insatisfação causada por esta descoberta faz com que o filho passe, mais tarde, a criticar e classificar socialmente esse pai, buscando junto aos semelhantes outros destinos e possibilidades de re-situar o amor parental. Conforme Freud (1914-2010), é nesses termos que se dá a relação da criança com seus professores, ou seja, revivendo, via laço transferencial, os afetos antes experimentados junto à parentalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão a partir da teoria freudiana, dos conceitos de transferência, e das *investigações sexuais infantis*, portanto, faz com que seja possível se estabelecer uma melhor compreensão acerca da vivência escolar da criança, e de suas relações com os professores, através do vínculo transferencial. Apesar de a ideia inicial de uma pedagogia psicanaliticamente orientada, assim como fora imaginada inicialmente, sendo uma tentativa de impedir a formação de angústias e neuroses, não ter progredido, Freud pode ser considerado como um grande mestre da educação. Suas contribuições para a práxis pedagógica, desse modo, não implicam em uma metodologia de ensino, mas em uma fundamentação teórica que permite a melhor sustentação de uma relação produtiva do professor com o impossível.

De acordo com a perspectiva psicanalítica, cabe ao professor, guiado pelo seu desejo, organizar, articular e transmitir aos seus alunos a relação que ele mesmo estabelece com o seu campo específico de conhecimento. E aos alunos, nas palavras de Kupfer (1989)

[...] cabe desarticular, retalhar, ingerir e digerir aqueles elementos transmitidos pelo professor, que se engancham em seu desejo, que fazem sentido para ele, que, pela via da transmissão única aberta entre ele e o professor – a via da transferência – encontram eco nas profundezas de sua existência de sujeito do inconsciente.(p. 99)

O professor deve, portanto, atuar movido através de seu próprio desejo, sabendo aceitar o que a autora definiu como uma "canibalização" feita sobre ele e o seu saber, sem renunciar às suas próprias certezas, e sem abusar do poder que lhe é concedido em sua posição de mestre, dentro da relação transferencial. Abuso que, para Kupfer (1989), equivaleria a utilizar desse poder para subjugar o aluno, impondo-lhe seus próprios valores e idéias, ou seja, impondo sobre ele o seu próprio desejo, fragilizando esse que seria a mola



propulsora do aprender. Quando a transferência é bem sucedida, o aluno é capaz de se engajar no saber do outro e ressignificá-lo como seu, constituindo a base e o fundamento não só da aprendizagem, mas de sua própria constituição e ampliação subjetiva.

Palavras-chave: Psicanálise. Educação. Professor. Transmissão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund (1901). Análise fragmentária de uma histeria. In. FREUD, Sigmund. *Obras Completas: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e Outros textos*. Tradução de Paulo Cezar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund (1914). Sobre a psicologia do colegial. In. FREUD, Sigmund. *Obras completas: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Tradução Paulo Cezar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1925). Prólogo a juventude abandonada, de August Aichhorn. In. FREUD, Sigmund. *Obras completas: O Eu e o Id "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. Trad. Paulo Cezar Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

KUPFER, Maria Cristina. Freud e a Educação: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1989.

LACAN, Jacques (1964). Da interpretação à transferência. In. LACAN Jacques. *O Seminário, Livro II: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

VOLTOLINI, Rinaldo. As vicissitudes da transmissão da psicanálise a educadores. In: *Colóquio do LEPSI IP/FE-USP*, 3., 2001, São Paulo. disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032001000300036&lng=en&nrm=abn>. Acesso em 27 de jun. de 2022.